

ANA ISABEL FERREIRA

A VIAGEM DO PAI NATAL AOS AÇORES

Teatro Para Crianças

Ilustrações de Michael Hudec

Letras
Lavadas[®]
edições

FICHA TÉCNICA

Título – *A Viagem do Pai Natal aos Açores*

Edição – © Letras LAVAdas edições, 2014

Texto – Ana Isabel Cabral Arruda Ferreira

Ilustrações – Michael Hudec

Partituras – Ana Paula Andrade

Depósito legal – 381870/14

ISBN – 978-989-735-066-5

FICHA TÉCNICA DO CD

Letras – Ana Isabel Ferreira

Música – Tó Zé Ferreira

Arranjos – Ana Paula Andrade

Vozes – Clara Brum Freire e Diana Cabral Botelho

Instrumentos:

- Flauta transversal – Maria João Travassos
- Guitarra – Tó Zé Ferreira
- Piano – Ana Paula Andrade
- Viola d'arco – Beatriz Gouveia
- Violino – Filipe Costa Raposo
- Violoncelo – Henrique Medeiros Andrade

É proibida a reprodução dos textos, música e imagens que compõem a presente edição.

PUBLICIÇOR Editores

Rua Praia dos Santos, 10 - S. Roque | 9500-706 Ponta Delgada | Tel.: 296 630 080 | Fax: 296 630 089

E-mail: publicor@publicor.pt | www.publicor.pt

Empresa com Sistema de Gestão da Qualidade
Certificado ISO 9001:2008

ÍNDICE

Prefácio	5
Introdução	9
A Viagem do Pai Natal aos Açores	13
Glossário de Teatro: os nomes que o teatro tem	45
Canção 1 - ESTRELINHA	51
Canção 2 - MEU AMIGO	52
Canção 3 - ERA NOITE DE NATAL	53
Canção 4 - SAUDADE	55
Canção 5 - NO FUNDO DO MAR	57
Canção 6 - SOU O POLVO BRINCALHÃO	58
Canção 7 - O SEGREDINHO	59

PREFÁCIO

Pela mão da autora açoriana, Ana Isabel Ferreira, vemos, com elevada satisfação, chegar às livrarias um texto dramático para crianças, com características de um autêntico musical, sobre o Natal, uma temática muito do gosto dos mais novos devido à magia e à fantasia que acompanham este tipo de produção textual.

Apesar de, na literatura infantil, abundarem os livros sobre o Natal, poucos exemplares de textos dramáticos existem sobre o assunto. Ainda mais difícil é encontrar um texto com estes atributos, em que a música é um denominador comum, responsável pela criação de uma ambiência que coloca em palco os condimentos necessários à realização de um espetáculo infantil memorável e inesquecível.

Como sabemos, o Natal é, por excelência, uma altura do ano durante a qual os mais novos ganham espaços e tempos de centralidade nas dinâmicas familiares e comunitárias, caracterizadas, na generalidade, pela alegria do convívio intergeracional, pelo fascínio das tradições (árvore de Natal, presépio, missa do galo, consoada e troca de prendas) e pelo conforto de uma pedagogia de altruísmo e solidariedade que paira no ar na época natalícia.

Apesar de o tema central ser o Natal, a verdade é que o texto dramático em análise se concretiza em torno de um Pai Natal que é muito peculiar, precisamente porque faz uma viagem aos Açores, correspondendo a um apelo sentido de uma menina destas ilhas, de nome Clarinha, que tem um segredo para lhe contar. Nestas duas personagens, Pai Natal e Clarinha, encontramos os protagonistas que alimentam o texto.

Quanto ao primeiro, urge lembrar que se trata de uma entidade enraizada no imaginário infantil açoriano há poucas décadas, pela via das campanhas publicitárias, do processo de globalização a que estamos sujeitos e de práticas que tendem a retirar das rotinas escolares o pendor excessivamente religioso, tentando, com isso, ir ao encontro de um maior número de crianças e famílias. Não há dúvidas de que o Pai Natal da contemporaneidade veio substituir para sempre a figura do nosso tradicional Menino Jesus.

Se, no passado, era o Menino Jesus que trazia as prendas e era responsável pela alegria efusiva com que se vivia os dias de festa, hoje em dia, todas as atenções se centram no Pai Natal, um ser que, apesar do seu caráter profano, é detentor de vários poderes. É capaz de levar prendas a todas as crianças do mundo, de modo especial às que se portaram bem no decorrer do ano; andar num trenó, que atravessa montanhas de neve e os céus, puxado por renas; estar nos lares onde existem crianças, independentemente da nacionalidade, raça e gênero das mesmas; abandonar esses espaços a tempo de não ser apanhado na sua atividade de entrega das prendas; e de interagir com as crianças, alvo da sua intervenção, caso o deseje, como acontece neste texto.

Clarinha, por seu turno, tem uma história de vida atribulada e infeliz, como largas centenas de crianças que, nos Açores, se viram privadas do convívio com os seus pais e mães em consequência da emigração para países estrangeiros longínquos. Esta é uma menina que anseia ver os seus progenitores e, por isso, envia ao Pai Natal uma carta na qual solicita a sua vinda para lhe contar um segredo especial.

Apresentado o conflito, aos poucos, pela mão do discurso direto entre as personagens, da leitura faseada da carta enviada pela criança e das músicas que povoam o texto, vamos ampliando o conhecimento que temos da Clarinha, ao mesmo tempo que nos são desvendadas as idiossincrasias das ilhas. O texto vai-se organizando rumo à felicidade possível, garantida através da companhia que o Pai Natal oferece à menina, na noite de Natal. O encontro entre ambos ameniza, assim, a sua tristeza, solidão e saudades dos familiares ausentes.

Desde a primeira hora, coadjuvam a ação as personagens que, em palco, se colocam ao serviço dos pedidos do Pai Natal. São elas a Estrelinha, a Mãe Natal e a Duendina que se esforçam para que os desejos do Pai Natal, bem como os da Clarinha, sejam cumpridos. Com a escolha destas personagens secundárias, a autora acentua a dimensão mágica, complexifica a trama e acrescenta riqueza às relações interpessoais que se vão estabelecendo ao longo do texto. Deste grupo destaca-se a Estrelinha que tem a responsabilidade de ir lendo a carta que a Clarinha escreveu ao Pai Natal e que deu origem à viagem do mesmo aos Açores.

Explorando o potencial que o texto dramático encerra, a autora recorre a dois artifícios textuais que aproximam as personagens da audiência: o recurso à música, por um lado, e, por outro, a incitação à participação da audiência. Enquanto as interpelações junto da audiência dão movimento e vida ao espetáculo, que acaba por se efetivar dentro e fora do palco, num todo envolvente, em que os espetadores se transformam, por artes mágicas, em pseudo-atores, a música eleva os sentimentos ao nível da espiritualidade.

Com efeito, muitos são os momentos musicais que conferem ao próprio texto dramático a designação de "Musical". As personagens em palco, para além das competências teatrais que todo o executante deve dominar, têm de possuir dotes musicais muito acima da média para que possam cativar a atenção das crianças e impressioná-las ao ponto de estas sentirem que estão a experienciar algo deveras marcante e arrebatador nas suas vidas.

A escassez de textos dramáticos para crianças, no mercado livreiro nacional, tem sido uma lacuna que urge colmatar, em prol de mais teatro nos espaços formais e informais de educação e de mais oferta cultural direcionada às gerações mais novas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento global e harmonioso das crianças.

Ora, sendo esta obra um texto dramático único sobre um Pai Natal que vem aos Açores, importa lembrar que o mesmo é, a partir de hoje, um recurso imprescindível para as escolas e docentes do nosso país que alimentam a chama do teatro e das práticas de dramatização junto dos seus alunos e alunas, de modo especial por altura das festas de Natal. Acreditamos que, com o texto escrito, acompanhado do CD, onde todas as músicas estão gravadas, ficará facilitado o desígnio de levar por diante, com sucesso, estes projetos que tanto animam a comunidade educativa.

E porque um livro nunca traz apenas a assinatura do seu autor ou autora, é de toda a justiça enaltecer o papel de todos os outros intervenientes que tornaram possível este projeto.

Da minha parte, desejo os maiores sucessos editoriais para esta obra e agradeço a oportunidade que me foi dada de a prefaciar e de aprofundar a relação de amizade e de trabalho que me une à autora, Ana Isabel Ferreira, mulher açoriana que, com a sua ação na área da educação, tem sabido fazer a diferença e constituir-se como uma referência, no panorama das artes performativas, nos Açores.

Maria da Graça Borges Castanho
Doutora em Educação - Universidade dos Açores